

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## DAVID LIVINGSTONE: UM MISSIONÁRIO DESBRAVADOR EM UM CONTINENTE ESCRAVIZADO

David Livingstone: an exploring missionary in a slave continent

Josemar Valdir Modes<sup>1</sup>  
Leandro Hins de Brito<sup>2</sup>

### RESUMO

A pesquisa contou a história de vida do missionário David Livingstone, destacando a importância de seu trabalho em levar o livre comércio e o cristianismo para o interior do continente africano. Mostrou seu chamado à obra missionária, bem como os lugares pelos quais passou, perigos enfrentados e suas descobertas. Também apresentou os resultados de seu empenho num lugar hostil, onde provavelmente suas chances de sobreviver e obter êxito seriam impossíveis. Livingstone se esforçou muito e investiu tempo; obteve resultados, mostrando, através das pessoas alcançadas e do legado deixado, que valeu a pena investir a vida em algo em que acreditava, mesmo que para isso tivesse que enfrentar a própria morte.

**Palavras-chaves:** Missões. África. Cristianismo. Escravidão.

<sup>1</sup> O autor é Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é co-editor da Revista Ensaio Teológico da Faculdade Batista Pioneira e da Revista Teológica FABAMA do Seminário Teológico Batista em São Luís. E-mail: [dinho@batistapioneira.edu.br](mailto:dinho@batistapioneira.edu.br)

<sup>2</sup> O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [leandrohins@gmail.com](mailto:leandrohins@gmail.com)

## ABSTRACT

This research tells the life story of the missionary David Livingstone, highlighting the importance of his work in bringing free trade and Christianity to the African continent's interior. It shows his call to missionary work, the places he went through, the dangers he faced, and his discoveries. It also presents the results of his efforts in a hostile place, where his chances of surviving and succeeding would probably be impossible. Livingstone worked hard and invested time; he obtained results, showing through the people he reached and the legacy he left, that it was worth investing his life in something he believed in, even if it would cost him his death.

**Keywords:** Missions. Africa. Christianity. Slavery.

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história do Cristianismo, o envolvimento na obra missionária tem sido importante tarefa que o próprio Deus confiou a homens e mulheres que dispõem suas vidas em favor de Sua Palavra. Nem sempre foi fácil o cumprimento desta grande obra, porém é perceptível, no decorrer dos séculos, que, de alguma maneira, há várias ações, algumas claras, outra misteriosas, algumas diretas, outras indiretas, contribuindo de maneira progressiva na construção da história do Cristianismo e de uma história missionária.

Neste caso, Deus usou grandemente a vida de Livingstone, para levar esperança às pessoas que viviam oprimidas em um continente que ainda não havia sido explorado por nenhum missionário, e nem mesmo por comerciantes. Fica claro que há uma necessidade de anunciar o amor de Deus, os desafios sempre serão enormes, assim como foi para David Livingstone; no entanto, o Senhor, capacita e dá as estratégias para que a sua obra se cumpra.

A Bíblia menciona diversas pessoas que de alguma maneira influenciaram e se dispuseram a anunciar a Palavra, homens e mulheres que não eram dignos desse mundo, porém ouviram a voz de Deus e obedeceram ao chamado da Grande Comissão, dada por Jesus a todos quantos o receberem (Mt 28.18-20). Mediante essa passagem, fica bem nítido que a missão de anunciar não é apenas de algumas pessoas, como foi o caso de personagens anteriormente citados, mas de todos que receberam a Cristo.

Irá se ver nesta pesquisa um histórico sobre a vida de Livingstone, sua trajetória missionária e os frutos de seu trabalho no Reino de Deus. Ele está entre os grandes missionários da história de missões, mas isso não significa que foi um homem perfeito, pelo contrário, as renúncias feitas por Livingstone relacionadas à sua família são de peso enorme na sua biografia, mas não diminuem seus feitos em prol do Reino, destacando que Deus era o centro do seu viver.

## 1. HISTÓRIA DE VIDA E FAMÍLIA

Diante do chamado ao campo missionário, David Livingstone, não mediu esforço para encerrar a missão no qual Deus o havia confiado. Mesmo não tendo o mínimo de informação da cultura e contexto onde haveria de ir, colocou-se à disposição para o serviço. Disponibilizava-se do conhecimento sobre Deus, adquirido em sua infância por meio de sua família e de sua formação acadêmica.

### 1.1 Nascimento, criação e família

Livingstone nasceu em Blantyre, ao sul de Glasgow, Escócia, em 19 de março de 1813. Desde sua infância mostrava ser um menino proeminente, era determinado, cheio de energia e muito notável em suas habilidades: *“isto o levará a vencer muitos desafios”*.<sup>3</sup> Filho de pais pobres, trabalhava cerca de catorze horas por dia em uma fábrica de tecelagem para ajudar no sustento da casa e se manter. Mesmo assim, recebeu de seus pais princípios que o fizeram um homem de boa conduta: sua mãe lhe dizia que não podia oferecer bons estudos, mas não abria mão de ensiná-lo sobre retidão e honestidade, por meio do próprio exemplo de vida.<sup>4</sup>

Mesmo trabalhando na fábrica de tecelagem, em meio a barulhos ensurdecedores e ao cansaço, Livingstone não abriu mão dos estudos, realizados na parte da noite. Por vezes, a senhora Agnes Hunter, mãe de Livingstone, levantava-se na madrugada e lá estava ele, debruçado sobre os livros, empenhado em fazer descobertas que melhorariam sua vida. Seus pais o criaram com princípios cristãos e até completar seus 10 anos, acompanhava-os em uma igreja anglicana. Logo após sua família passou a fazer parte de uma congregação que posteriormente veio a ser tornar uma igreja Presbiteriana.<sup>5</sup>

O Pai de Livingstone, Neil Livingstone, costumava contar aos filhos as histórias e proezas de seus antepassados, que já chagava a oito gerações. Muitas vezes, os bisavôs de David, com a família, não encontraram outra escolha a não ser fugir dos cruéis perseguidores de cristãos; por diversas vezes restavam os pantanais, as montanhas, como local onde poderiam adorar a Deus em espírito e em verdade. Porém, mesmo esses cultos, que se realizavam entre os lugares mais escondidos e, às vezes, no gelo, eram interrompidos pelos soldados que chegavam a cavalo para matar ou levar presos, tanto homens como mulheres; mas nem por isso abriram mão de servir ao Deus verdadeiro.<sup>6</sup>

### 1.2 Formação acadêmica

Livingstone não media esforços para enriquecer seu conhecimento em áreas diversas: dava o máximo de si durante seis dias da semana. No entanto, o domingo era um dia honrado, que toda sua família consagrava a Deus e nele descansava. Em uma de muitas lembranças, ficou marcado o dia em que foi homenageado na igreja por haver decorado todo o Salmo 119 e recitado em público. Isso rendeu a ele sua primeira versão do Novo Testamento Bíblico. Na empresa de tecelagem, assim que recebeu seu primeiro salário, não se deteve em comprar sua primeira gramática em latim.

Segurava a sua gramática aberta na máquina de fiar algodão e, enquanto trabalhava, estudava-a linha por linha. Às oito horas da noite, dirigia-se, sem

---

<sup>3</sup> VARETTO, Juan C. **Eles morreram pela fé: heróis e mártires da obra missionária desde os apóstolos até os nossos dias**. Tradução de Almir S. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 123.

<sup>4</sup> VARETTO, 1981, p. 123.

<sup>5</sup> TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da terra: uma história biográfica**. Tradução de Lena Aranha e Nely Siqueira. São Paulo: Shedd, 2010, p. 179.

<sup>6</sup> BOYER, Orlando S. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. 15.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 111.

perder tempo, à escola noturna. Depois das aulas, estudava as lições para o dia seguinte, às vezes, até a meia-noite, quando a mãe tinha de obrigá-lo a apagar a luz e dormir.<sup>7</sup>

Não sendo completamente diferente de muitas pessoas, Livingstone, em seus momentos de folga do trabalho, gostava muito de pescar e fazer diversas expedições, mesmo que fossem nos lagos e rios curtos próximos de sua casa e de sua vila. Esses passeios lhe serviam tanto de instrução como de complemento de seu aprendizado da sala de aula, pois saía para verificar na própria natureza o que estudava nos livros sobre botânica e geologia. Sem que ele soubesse, no entanto, seu corpo e mente já estavam sendo preparados para as explorações científicas e para o que escreveria com precisão acerca da natureza na África.<sup>8</sup>

Completados nove anos de trabalho na fábrica, foi promovido a um novo posto, que possibilitava uma renda mais significativa. Devido a isso, não sendo surpresa para muitos, consequência de seu grande empenho e dedicação, Livingstone, estava se formando em teologia e em medicina, recebendo o diploma de licenciado da Faculdade de Médicos e Cirurgiões de Glasgow, sem ter recebido a ajuda financeira ou auxílio de qualquer pessoa.<sup>9</sup>

### 1.3 Chamado ao campo missionário

Ainda muito jovem, David, convencido por Deus, sentiu-se confrontado a uma mudança em sua vida. Passou a compreender a Palavra e, desde então, começou a estudar a Bíblia com frequência. Sem que ele percebesse, começou em sua vida o processo da regeneração, porém só depois dos vinte anos Livingstone entregou por completo sua vida a Cristo, confessou ser Jesus seu Salvador pessoal. No meio desse processo de transformação, o coração de Livingstone já começava a arder pela obra missionária.

David, desde a infância, ouvia falar de um missionário valente na China, cujo nome era Gutzlaff.<sup>10</sup> Nas suas orações, à noite, ao lado de sua mãe, orava por ele. Com a idade de dezesseis anos, David começou a sentir desejo profundo de fazer conhecido o amor e a graça de Cristo àqueles que jaziam em densas trevas, e resolveu firmemente no coração dar, também sua vida, como médico e missionário, ao mesmo país, a China.<sup>11</sup>

<sup>7</sup> BOYER, 1999, p. 111.

<sup>8</sup> BOYER, 1999, p. 112.

<sup>9</sup> BOYER, 1999, p. 113.

<sup>10</sup> KARL FRIEDRICH AUGUST GÜTZLAFF, anglicizado, nascido em Pyritz (atualmente Pyrzyce), Pomerania, foi um missionário alemão no extremo oriente, notável como um dos primeiros missionários protestantes em Bangkok, Tailândia (1828) e na Coreia do Sul (1832). Ele escreveu "Jornal das Três Viagens" além de "Costa da China" em 1831, 1832 e 1833, com anúncios de Sião, Coreá, e das Ilhas Loochoo (1834). Ele serviu como intérprete para missões diplomáticas inglesas durante a Primeira Guerra do Ópio. Gutzlaff foi um dos primeiros missionários protestantes na China que vestiu roupas chinesas. A escrita de Gutzlaff influenciou Dr. Livingstone e também o Karl Marx. David Livingstone leu "Apelo para as Igrejas da Grã-Bretanha e norteamericanos em nome da China" de Gutzlaff e decidiu se tornar um médico missionário. In.: **GÜTZLAFF, Karl Friedrich August (1803-1851)**. Escola de teologia – história da missiologia. Universidade de Boston. Disponível em: <<http://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/g-h/gutzlaff-karl-friedrich-august-1803-1851/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

<sup>11</sup> BOYER, 1999, p. 114.

O desejo de ser missionário na China crescia constantemente em seu coração, e desde cedo também aprendeu a renunciar a tudo por amor a Cristo. Acreditava que tudo que possuía deveria servir para acrescentar no Reino de Deus. Desde então, consagrava tudo a Cristo, principalmente suas economias eram prioridades para a obra missionária. Privava-se até mesmo de suas próprias necessidades para contribuir o máximo possível com algum campo missionário; além do mais, não quis doar apenas bens materiais, resolveu renunciar toda sua vida em favor do Evangelho.

Durante todos os anos de estudos para ser médico e missionário, sentia-se dirigido para ir à China. No ano de 1838, Livingstone foi aceito na Sociedade Missionária de Londres. Mas seus planos de ir à China foram interrompidos devido à “guerra do ópio”.<sup>12</sup> A partir disto, teve de abandonar seus planos de fazer missões em terras chinesas.<sup>13</sup>

Embora seus planos tivessem sido frustrados, essa mudança foi decisiva na vida do missionário, o que muito contribuiu para suas futuras explorações e para a sua ida ao continente africano. No ano de 1839, as coisas começaram a mudar novamente: conheceu um pioneiro no trabalho missionário que acabava de voltar do sul da África, cujo nome era Robert Moffat.<sup>14</sup> Após este encontro em que ouviu sobre os desafios do continente, Livingstone voltou seu olhar ao povo africano, e uniu-se à equipe de Moffat em 1841.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> GUERRA DO ÓPIO. As **Guerras do Ópio**, ou **Guerra Anglo-Chinesa**, foram conflitos armados ocorridos entre o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda (atual Reino Unido) e o Império Qing (atual China) nos anos de 1839-1842 e 1856-1860. O ópio, uma substância entorpecente, altamente viciante, extraída da papoula, que causa dependência química em seus usuários, introduzido ilegalmente na China por comerciantes ingleses e norte-americanos. Produzido na Índia, e também em partes do Império Otomano no início do século XIX, os comerciantes britânicos traficavam-no ilegalmente para a China e muitas vezes forçavam os cidadãos a consumir as drogas, provocando dependência química, auferindo grandes lucros e aumentando o volume do comércio em geral. In.: NAVARRO, Roberto. O que foi a guerra do ópio? 18 abr. 2011. **SUPER INTERESSANTE**. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-guerra-do-opio/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

<sup>13</sup> VARRETO, 1981, p. 124.

<sup>14</sup> ROBERTO MOFFAT, após sua conversão em uma igreja metodista, os frutos de sua fé genuína começaram a aparecer. Certa vez, passando por um edifício viu um anúncio missionário, ficou muito entristecido devido a data ter passado. Desde criança sua mãe lhe contava muitas histórias de missões dos Morávios, essa semente cresceu e o despertou a ser missionário. Inscreveu-se na Sociedade Missionária de Londres, em seu primeiro teste foi reprovado, por não ter feito curso de teologia. Passou algum tempo, fez um curso teológico com um amigo, inscreveu-se novamente e foi aceito. Estudou diversas línguas e idiomas e principalmente as culturas locais por onde passou. Morou em diversos países do continente africano. Foi o patriarca das missões na África do Sul, um homem que teve significativa influência nessa região do mundo durante mais de meio século. Todavia, mesmo durante sua vida ele foi ofuscado pelo seu famoso genro, sendo mencionado com frequência como o "sogro de David Livingstone". Moffat, não obstante, foi maior missionário que seu genro. Ele era evangelista, tradutor, educador, diplomata e explorador, combinando eficazmente esses papéis e se tornando um dos maiores missionários da África de todos os tempos. Primeiro tradutor da Bíblia para Setswana. Foi casado com a senhora Mary Moffat, tiveram dez filhos, dentre eles a esposa de David Livingstone, que que herdou o nome de Mary Maffat. In.: VARETTO, Juan C. **Eles morreram pela fé**. Heróis e mártires da obra missionária desde os apóstolos até os nossos dias. Tradução de Almir S. Rio de Janeiro: 4.ed. JUERP, 1981, 207 p 117-122.

<sup>15</sup> CURTIS, A. Kenneth. LANG, J. Stephen. PETERSEN, Randdy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Vida, 2003, p. 193.

## 2. A VIVÊNCIA NO CAMPO MISSIONÁRIO

A realidade do campo missionário Africano, por mais que se apresentasse desconhecida a Livingstone, servia como combustível que o impulsionava a levar a esperança do Evangelho de Cristo aos povos do continente. Mesmo não obtendo resultados imediatos, a fé e perseverança que tinha em Deus, permitiu que seus esforços resultasse em grandes conquistas.

### 2.1 Partida para África e início do seu trabalho

Comovido, ao ouvir falar em tantas aldeias sem o Evangelho e sabendo que não podia ir à China por causa de guerra que havia naquele país, ele respondeu: *“Irei imediatamente para a África”*. Este seu desejo levou-o aos irmãos da missão S. M. L., e eles concordaram. Antes, voltou ao humilde lar em Blantire, para se despedir dos pais e irmãos. Às cinco horas da manhã, do dia 17 de novembro de 1840, a família se levantou, oraram e juntos fizeram a leitura dos Salmo 121 e 135.<sup>16</sup>

As seguintes palavras ficaram gravadas no seu coração, para o fortalecerem no calor e perigos durante os longos anos que passou depois, na África: "O sol não te molestará de dia e nem a lua de noite... O Senhor guardará a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre". Depois de orarem, despediu-se da sua mãe e irmãs e andou a pé, com seu pai que o acompanhou até Glasgow. Depois de se despedirem um do outro, David embarcou no navio para não mais ver, aqui na terra, o rosto nobre de Neil Livingstone.<sup>17</sup>

A sede de sua missão ficava a aproximadamente 950 quilômetros da costa, mas o desejo por fazer a obra missionária era grande; isso não foi impedimento, não apenas por ser médico ou missionário, Livingstone sentia o forte desejo de explorar e fazer descobertas que beneficiariam o povo africano. Foi com grandes expectativas que navegou para a África, em dezembro de 1840. *“Depois de passar treze semanas estudando a língua a bordo do navio, ele chegou ao Cabo em março de 1841 e permaneceu ali durante um mês antes de começar sua viagem para Kurumã, onde deveria ajudar com o trabalho até que os Moffats voltassem”*.

Imediatamente apaixonou-se pela África e gostou muito de sua viagem por terra para Kurumã, descrevendo-a como *“um sistema prolongado de recreação”*. Mas com os trabalhos missionário que já havia ali não se impressionou, criticando severamente, e com razão, a obra na Cidade do Cabo, onde um número excessivo de missionários se concentrava em uma pequena área, desencorajando assim a evangelização dos nativos. Enquanto aguardava a volta dos Moffats das férias, fez diversas viagens de carroça na direção norte para explorar a área.<sup>18</sup> O desejo de anunciar o Evangelho era tão grande que, mesmo antes de chegar à África, ele já estava pregando no navio.

A viagem de Glasgow ao Rio de Janeiro e, por fim, à cidade do Cabo, na África, durou três meses. Mas David não desperdiçou o tempo. O comandante se

<sup>16</sup> BOYER, 1999, p. 117.

<sup>17</sup> BOYER, 1999, p. 117.

<sup>18</sup> TUKER, 2010, p. 178.

tornou seu amigo íntimo e ajudou-o a preparar os cultos, nos quais David pregava aos tripulantes do navio. O novo missionário aproveitou, também, a oportunidade a bordo para aprender a usar o sextante e saber exatamente a posição do navio, observando a lua e as estrelas. Essa ciência lhe foi mais tarde de incalculável valor para orientar-se nas viagens de evangelização e exploração no imenso interior desconhecido do qual "subia a fumaça de mil vilas sem missionário".<sup>19</sup>

Logo após chegar à cidade do Cabo, partiu para uma nova etapa até chegar a Kurumã, percorreu uma distância de 190 léguas (cerca de 950 quilômetros) feita aos solavancos, em sua condução, um carro de boi, através de campos extremantes desolados. A viagem durou dois meses, até chegar a Kurumã, onde devia esperar o regresso do sogro. O desejo de Livingstone era de estabelecer novas bases missionárias, não apenas ficar em lugares onde já havia a presença do Evangelho.

Para aprender a língua e os costumes do povo, nosso pioneiro passava o tempo viajando e vivendo entre os indígenas. O seu boi de sela passava a noite amarrado, enquanto ele assentava-se com os africanos ao redor do fogo, ouvindo as lendas dos seus heróis. Livingstone, por sua vez, contava-lhes as preciosas e verdadeiras histórias de Belém, da Galileia e da Cruz.<sup>20</sup>

Depois algum tempo, por volta do ano 1843, afastou-se dos outros missionários, que davam mau testemunho do Evangelho, e não voltou, partindo para a região arborizada e bem irrigada em Mabostsa, cerca de 300 quilômetros ao norte da sua primeira vila, a fim de estabelecer um novo ponto estratégico, para anunciar o Evangelho. "Mabostsa tornou-se o primeiro lar africano de Livingstone. Foi ali também que encontrou pela primeira vez os perigos sempre presentes da selva africana".<sup>21</sup>

Suas aptidões como médico fizeram-no famoso ao cabo de pouco tempo. Enquanto visitava algumas regiões vizinhas, sua imaginação ardente vagava pelo desconhecido interior do continente, tão imensamente grande e tão desconhecido aos geógrafos. Não podia conformar-se com a crença vulgar de que tudo era um árido deserto, absolutamente despovoado, e desejava internar-se, não tanto para buscar novas terras como para buscar novas tribos, às quais levaria a gloriosa mensagem da cruz.<sup>22</sup>

## 2.2 Pessoas alcançadas e projetos estabelecidos

Nos dois anos e meio em que Livingstone esteve em Kurumã, que considerou como total aprendizagem, passou quase um ano longe da base, e essa prática de afastar-se continuou durante o resto de sua carreira. Seu ministério foi extremamente difícil: trabalhou por dez anos entre o povo Tswana, nesse período apenas uma pessoa se entregou a Cristo, reconhecendo-o como Salvador.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> BOYER, 1999, p. 117.

<sup>20</sup> BOYER, 1999, p. 118.

<sup>21</sup> TUCKER, 2010, p. 179.

<sup>22</sup> VARETTO, 1981, p. 124-125.

<sup>23</sup> CURTIS, 2003, p. 194.

Além das dificuldades, que já enfrentava, certa ocasião o missionário estava entre o povo Bechuano, tentando ensiná-los sobre o amor de Deus, quando foi atacado por um leão. Por sorte, os Bechuanos eram bravos guerreiros e o ajudaram e se livrar do feroz animal.<sup>24</sup>

Durante uma caçada de leões, quando um bando destas feras estava cercado por bravos homens que conduziam apenas lanças, dois furiosos leões escaparam do círculo. David Livingstone atirou duas vezes, curvou-se um pouco para recarregar a arma e o enorme animal arremessou-se sobre ele. Livingstone sentiu o seu corpo no ar, e imediatamente a queda e a sensação de que lhe estava mordendo o braço, sacudindo-o como um cão sacode um rato, e rugindo ferozmente.<sup>25</sup>

No entanto, alguns meses depois ele, já recuperado, continuou a pregar, porém enfrentava grandes problemas com a junta missionária que o havia enviado. Para eles, o missionário só poderia sair de uma determinada vila se já tivesse montado ali uma igreja e ela estivesse bem estruturada. Isto incomodava Livingstone, por ter um perfil desbravador; esse processo de solidificação da igreja era lento.

Tendo em vista que as condições para a evangelização na África fossem ruins, devido à falta de conhecimento sobre a cultura misturando as tristes realidades, que sofriam nas mãos dos mercadores de escravos. Tudo contribuía fortemente para uma resistência ao cristianismo. Em suas indagações, ele dizia que talvez fosse melhor infiltrar-se no continente para ensinar os povos africanos a desenvolver o seu comércio, e simplesmente aprender sobre seus costumes. Sendo assim, ficaria mais fácil para as futuras gerações aceitarem o Evangelho, conseqüentemente estabeleceriam igrejas em um curto período.<sup>26</sup>

No ano de 1943, o missionário fundou a primeira estação missionária de Mabotsa. No entanto, Livingstone não permaneceu ali, deixando a estação a cargo de um colega. Partindo dali, foi para outra região, onde vivia o povo Bakwina, em Chonwane, povo do qual o chefe da tribo, o senhor Sechele, converteu-se a Cristo, mostrando o profundo desejo de aprender os ensinamentos e doutrinas bíblicas. Todavia, uma forte seca os obrigou novamente a sair desta localidade.

Sechele, com todo seu povo, o seguiu, e foram estabelecer-se a uns 320 quilômetros ao noroeste, nas margens do rio Kolobeng. Sechele, que já havia professado sua fé em Cristo, foi batizado, renunciando à poligamia e ao pretendido poder de fazer chover.<sup>27</sup>

A seca também continuou a devastar as regiões circunvizinhas. Infelizmente o rio Kolobeng secou, deixando um rastro de miséria em todo seu território. Devido a essa nova crise hídrica, Livingstone se vê novamente obrigado a abandonar a localidade, porém, à

<sup>24</sup> FRAME, Hugo F. **O missionário que enfrentou um leão**. Biografia de David Livingstone da África. Tradução de Lídia Nogueira Oliveira. Rio de Janeiro: UFMBB, 1979, p. 9-10.

<sup>25</sup> FRAME, Hugo F. **Vencer ou morrer**: biografia de David Livingstone da África. Heróis Cristãos VI. Tradução de Lídia Nogueira Oliveira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1938, p. 6-7.

<sup>26</sup> CURTIS, 2003, p. 194.

<sup>27</sup> VARETTO, 1981, p. 125-126.

medida que ele avançava para o interior da selva africana, seu coração se enchia de amargura, pois contemplava ali a triste realidade do tráfico de escravos.<sup>28</sup>

### 2.3 O casamento de Livingstone

Foi na casa de Roberto Moffatt, em Kurumã, que Livingstone conheceu Mary, a filha mais velha desse missionário. Depois de abrir a missão em Mabotsa, em janeiro de 1845, os dois se casaram. Seis filhos foram o fruto desse relacionamento. Começaram uma Escola Bíblica Dominical; passando-se algum tempo, transformou-se em escola diária, tendo sua esposa como professora. Naquele mesmo ano, depois do nascimento de seu primeiro filho, arrumou suas coisas e mudou com sua família para Chonwane.<sup>29</sup> O período passado em Chonwane foi muito bom, mas só durou dezoito meses: no verão de 1847, depois do nascimento de seu segundo filho, mudaram-se para a sua terceira casa.

Durante sete anos, a família viveu uma vida seminômade na África. Algumas vezes, Mary e os filhos ficavam sozinhos em casa, enquanto outras vezes ela levava os filhos e acompanhava o marido peregrino. Nenhuma das situações era satisfatória. Em 1850, depois de uma viagem de exploração com ele, Mary deu à luz o seu quarto filho, que morreu logo depois, enquanto ela sofria de paralisia temporária. Porém, esse estilo de vida não estava agradando aos pais de Mary, que tinham um estilo de vida mais fixo num lugar apenas, no caso em Kurumã.

Em 1851, Mary enviou uma carta aos pais, informando que estava grávida novamente, e que seu marido planejava levá-la com as "queridas crianças" em outra viagem pela selva. A mãe de Mary escreveu a seu genro uma carta, ao estilo característico de algumas sogras".

Mary me assegurou todo o tempo que se estivesse grávida você não a levaria, mas permitiria que viesse para cá depois de sua partida. [...] Mas, para meu espanto, recebi agora uma carta – na qual ela escreve: "Devo novamente seguir meu penoso caminho para o interior e, talvez ficar confinada no campo". Ó Livingstone, o que você quer – já não foi bastante perder o seu lindo bebê e salvar com dificuldade os outros, enquanto a mãe voltou para casa ameaçada de paralisia? E você vai expô-la de novo, e a eles, a outra expedição de exploração? O mundo inteiro condena ainda a crueldade disso, para não mencionar a indignidade da mesma. Uma mulher grávida com três crianças pequenas, percorrendo as estradas com pessoas do outro sexo – através das selvas da África entre selvagens e feras! Se você tivesse encontrado um lugar para o qual desejasse ir e dar início a um trabalho missionário a questão seria diferente. Eu não diria uma palavra mesmo que fossem para as montanhas da lua – mas seguir com um grupo de exploradores, essa ideia é um absurdo. Despeço-me, bastante preocupada. M. Moffat.<sup>30</sup>

Infelizmente, a carta não o fez mudar de ideia, pois ele só a recebeu um mês após sua partida. Mary teve seu quinto filho enquanto eles navegavam no rio Zouga. Pior do isso,

---

<sup>28</sup> VARETTO, 1981, p. 126.

<sup>29</sup> BOYER, 1999, p. 118.

<sup>30</sup> TUCKER, 2010, p. 180.

Livingstone, que registrava todos os acontecimentos importantes em seu diário, tudo com riqueza de detalhes, nesse dia ele registrou apenas uma linha. O que chama a atenção foi que ele preferiu deixar mais espaço para registrar a importante descoberta de ovos de crocodilo, relegando o nascimento do filho a segundo plano. Além disso, reclamava das frequentes gestações da sua própria esposa e ainda a comparava à produção de uma "*grande fábrica irlandesa*". Todavia, amava genuinamente os filhos: tempos mais tarde lamentou profundamente não ter passado mais tempo com eles.<sup>31</sup>

Em 1852, chegou à conclusão de que viagens de exploração na África poderiam prejudicar a sua família. Ele tinha antes justificado o risco: "É uma aventura levar mulher e filhos a um país onde a febre africana prevalece. Mas quem, crendo em Jesus, se recusaria a enfrentar essa aventura para um tal capitão?" No entanto, já não aguentava suportar as reclamações dos sogros. Em março de 1852, teve a infelicidade de ver sua família partir para a cidade do Cabo e, logo após, para a Inglaterra. De fato, o que o levou a fazer isso foi sua convicção de que, mesmo que viesse a deixar seus filhos órfãos, seria para a glória de Deus.<sup>32</sup>

Após a volta de Mary para Inglaterra, sua vida se tornou muito ruim, a fama de seu marido e sua própria insegurança a levaram ao alcoolismo.<sup>33</sup> Corriam boatos de que ela e as crianças não estavam apenas "sem casa e sem amigos", mas também "vivendo quase sempre à beira da pobreza em alojamentos baratos". Todavia, Livingstone, após a ida de sua esposa, sentiu-se estimulado a continuar suas explorações na África.

Nos seus primeiros onze anos de trabalho, conseguiu produzir pouco. Não havia convertidos firmes, nem posto missionário, nem igreja, apenas um missionário explorador frustrado, limitado pelo ambiente e preso pela família. Segundo ele, agora podia mover-se à vontade.<sup>34</sup> Tempos depois, sentindo-se abandonada, Mary resolveu voltar para a África à procura do marido. Então, lançou-se em uma viagem sem volta: pouco tempo depois de encontrar seu marido, ela veio a falecer.

Em 1862 a esposa reuniu-se a ele novamente, e acompanhava-o nas viagens, mas três meses depois faleceu, vítima da febre e foi enterrada em uma encosta verdejante na margem do rio Zambeze. No seu diário, Livingstone assim escreveu: "Chorei-a porque merece as minhas lágrimas. Amei-a ao nos casarmos, e quanto mais tempo vivíamos juntos, tanto mais a amava. Que Deus tenha piedade dos filhos..."<sup>35</sup>

## 2.4 Combatendo a escravidão

Em 1852, logo após ter embarcado sua família em segurança para a Inglaterra, Livingstone promoveu uma expedição para atravessar o continente. Nessa viagem ele descobriu o rio Zambeze. Para ele, aquele rio tinha de nascer em algum lugar, por isso talvez encontrasse uma rota fluvial para cruzar o oceano Índico até o Atlântico. A razão desse

<sup>31</sup> TUCKER, 2010, p. 181.

<sup>32</sup> TUCKER, 2010, p. 182.

<sup>33</sup> CURTIS, 2003, p. 195.

<sup>34</sup> TUCKER, 2010, p. 184.

<sup>35</sup> BOYER, 1999, p. 124.

empenho seria promover a expansão para o comércio local, como também interferir no tráfico de escravos.

Havia três motivos que o aconselhavam a fazer uma viagem de exploração: Primeiro, queria achar um lugar para residir com a família entre os “barotses” e evangelizá-los. Segundo, a comunicação entre o território dos “barotses” e a cidade do Cabo era muito demorada e difícil e queria descobrir um caminho para um porto mais próximo. Terceiro, queria fazer todo o possível para influenciar as autoridades contra o horrendo tráfico de escravos.<sup>36</sup>

No desejo de levar esperança, amor e tentar libertar os povos africanos da escravidão, ele pede a Deus que pudesse poupar a sua vida, e a usasse para abrir o continente para a entrada do Evangelho. Ele orou dizendo:

Ó Jesus, rogo que me enchas agora com o teu amor e me aceites e me uses um pouco para a tua glória. Até agora não fiz nada para ti, mas quero fazer algo. Oh! eu te imploro que me aceites e me uses e que seja tua toda a glória. Escreveu mais ainda: Não valeria coisa alguma o que possuo ou o que possuirei, a não ser em relação ao reino de Cristo. Se alguma coisa que tenho pode servir para o seu reino, dar-lhe-ei a Ele, a quem devo tudo neste mundo e durante a eternidade.<sup>37</sup>

Em muitas de suas viagens, além de tomar cuidado com os perigos, precisava evitar os outros missionários brancos, que ficavam inventando mentiras a seu respeito, dizendo que ele também era um comerciante de escravos. A solução foi seguir seu caminho pelos pântanos, com água até nos joelhos, sofrendo de febre, malária e desinteira, mas nada disso o fazia desistir. Em meio a esses desafios, conheceu um chefe de uma tribo chamado Sekeletu, que cuidou dele, após fazer umas trocas. Nessa tribo Livingstone presenciou cenas horríveis.

Para ele, aquele povo estava à mercê da escuridão, e precisava urgentemente ser alcançado pela graça de Cristo. “O missionário lhes mostrou quadros da Bíblia com uma lanterna de projeção”. Isso causou-lhes medo e ficaram atemorizados, pensavam que poderiam ser destruídos pelo espírito do projetor. Isso os levou a dizer que Livingstone era mágico e que seu espírito era bom. Esse fato rendeu a ele vinte e sete bravos homens, que se tornaram seus auxiliares. Por onde passavam, havia homens selvagens e hostis, como também animais extremamente perigosos. Uma terra de batuque e morte repentina, de escravos acorrentados e de febres.<sup>38</sup>

Sozinho, com os seus fiéis macololos, caiu trinta e uma vezes de febre nos matagais, durante um período de sete meses. Mas não era tanto sofrimento físico. Suas cartas revelam a sua angústia de espírito ao ver os horrores do povo africano massacrado e arrebatado dos seus lares, conduzido como gado para ser vendido no mercado. De um lugar alto onde subiu, contou dezessete aldeias em chamas, incendiadas por esses nefandos mercadores de seres humanos.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> BOYER, 1999, p. 121-122.

<sup>37</sup> BOYER, 1999, p. 122.

<sup>38</sup> FRAME, 1979, p. 14-15.

<sup>39</sup> BOYER, 1999, p. 122-123.

Após ter mandado notícias para Inglaterra, sobre as condições em que viviam os povos africanos, Livingstone recebeu reforços. Em um navio mandado pelo governo inglês, vieram um bispo e outros cinco missionários. Certa ocasião, Livingstone e a sua equipe de reforço se depararam com um carregamento de escravos, que estavam acorrentados pelo pescoço. Descobriram mais tarde que cerca de dezenove mil escravos desciam a cada ano e cerca de noventa mil eram mortos nas expedições de captura. Tempos depois, todos os que vieram na missão de ajudar Livingstone haviam morrido. No ano de 1863, Livingstone foi convocado a retornar à Inglaterra.<sup>40</sup>

No ano de 1865, a América via-se livre da Escravidão, no entanto isso havia custado a vida de muitos heróis. No mesmo ano, Livingstone partiu mais uma vez para o continente africano a fim de libertar os escravos, pregar o Evangelho e explorar o desconhecido. Nesta terceira e última viagem, ele conheceu pessoas importantes de diversos países, os quais se fizeram passar por seus amigos, porém eram verdadeiros comerciantes de escravos. Muito doente, Livingstone encontrava-se sem opção e precisava voltar com um grupo de árabes para Ujiji. A notícia de que ele havia morrido espalhou-se. Em Ujiji, ele encontrou o senhor Stanley, um jornalista que havia sido enviado para buscar o seu corpo, ou mesmo notícias de seu paradeiro.<sup>41</sup>

Disposto a levá-lo de volta à Inglaterra, Henry Stanley insistiu, todavia, Livingstone queria completar a missão a ele confiada. Contou a Stanley todas as coisas que havia visto de estranho naquele país: “plantas que comiam insetos, peixes que andavam sobre a terra e sobre o capim molhado, que carregavam seus filhos na boca e que furavam a terra como um coelho”. Todos esses e outros fatos foram cuidadosamente anotados; além disso, fez uma longa narrativa sobre a escravidão, para que o povo inglês pudesse informar-se da situação, a qual posteriormente levaria a Inglaterra a uma indignação e tomaria posição contrária a esse regime escravagista.<sup>42</sup>

Antes de tudo, esforçava-se para ganhar a estima das tribos hostis, por onde passava, por sua conduta cristã, em grande contraste com a dos mercadores de escravos. Livingstone continuou a pregar o Evangelho constantemente, às vezes a auditórios de mais de mil indígenas.<sup>43</sup>

Sabia que se descobrisse as nascentes do famoso Nilo, o mundo todo lhe daria ouvidos acerca da chaga aberta da África, com o comércio de escravos. É interessante conhecer o que ele escreveu: “O mundo acha que busco fama, porém eu tenho uma regra, isto é, não leio coisa alguma sobre os elogios que me fazem”. Ele sabia que, ao findar a escravatura, o continente se abriria para deixar entrar o Evangelho.<sup>44</sup>

Após sua chegada a Londres, o jornalista descreveu tudo que havia visto e ouvido enquanto esteve no campo missionário junto com o Livingstone. Além disso, para a surpresa de muitos, ele fez uma bela homenagem, descrevendo o comportamento do doutor.

---

<sup>40</sup> FRAME, 1979, p. 24-25

<sup>41</sup> FRAME, 1938, p. 30-32.

<sup>42</sup> FRAME, 1938, p. 32.

<sup>43</sup> BOYER, 1981, p. 122.

<sup>44</sup> BOYER, 1981, p. 123-124.

Durante quatro meses e quatro dias, vivi na mesma cabana, no mesmo bote ou na mesma tenda, e jamais descobri qualquer defeito nele. Fui para a África com tantos preconceitos contra a religião quanto o pior pagão de Londres. Para um repórter como eu, que só tratava de guerras, reuniões de massa e encontros políticos, as questões sentimentais estavam completamente fora de minha província. Mas tive muito tempo para refletir ali. Me achava afastado do ambiente mundano. Vi aquele homem solitário naquele lugar e me perguntei: "Por que ele fica aqui? O que o inspira?" Durante meses, depois de nos encontrarmos, descobri-me prestando atenção às suas palavras, meditando a respeito daquele homem idoso que transmitia a mensagem: "Deixe tudo e siga-me". Aos poucos, vendo a sua piedade, sua gentileza, seu zelo, sua sinceridade, e como ele desempenhava silenciosamente suas tarefas, fui convertido por ele, embora ele não tivesse tentado fazer isso.<sup>45</sup>

## 2.5 Descobertas e registros de viagens

Muito dedicado desde sua infância, continuou sempre os seus estudos enquanto viajava, fazendo mapas dos rios e serras do território percorrido. Pouco tempo após estar na África, já havia feito muitas descobertas, sempre fazia o registro em seu diário, como também através de cartas que enviava para os amigos; "em uma carta a um amigo escreveu que descobrira trinta e duas qualidades de raízes comestíveis e quarenta e três espécies de fruteiras que davam no deserto sem serem cultivadas". Mas a maior descoberta para ele seria chegar ao grande lago Ngami: ele pensava que em poucos dias alcançaria este objetivo, mas não foi bem assim que ocorreu. Somente após sete anos de desbravamento foi que ele conseguiu encontrar o grande lago.<sup>46</sup>

Durante sua atividade missionária, ele ouvira falar de regiões férteis além do deserto de Kalahari, uma terra que podia ser cultivada. Em 1849, partiu com a família e um amigo em direção ao norte. Enfrentou o calor inclemente e a escassez de água do deserto, até descobrir o lago Ngami, o que foi o primeiro dos grandes êxitos do descobridor. De 1852 a 1856, viajou pelo rio Zambeze, cruzando quase todo continente africano, de leste a oeste.<sup>47</sup>

Livingstone atravessou, ida e volta, o continente africano, desde a foz do Zambeze a São Paulo de Luanda. Sempre admirava as lindas paisagens de um continente que o mundo julgava ser um vasto deserto. Quando chegou a Luanda, estava magro e doente. Apesar da insistência de alguns líderes importantes para que regressasse à Inglaterra, a fim de recuperar a saúde abalada, preferiu voltar para o interior da selva, traçando outro caminho. "Nessa viagem, Livingstone descobriu as magníficas cataratas de Vitória, nome que ele deu às grandes quedas em honra da rainha da Inglaterra. Nesse lugar, o rio Zambeze tem a largura de mais de um quilômetro; ali as águas desse grande rio se precipitam espetacularmente de uma altura de cem metros".<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> TUCKER, 2010, p. 186-187.

<sup>46</sup> BOYER, 1999, p. 118.

<sup>47</sup> FRAME, 1979, p. 11-15.

<sup>48</sup> BOYER, 1999, p. 122.

Ele voltou à África com um séquito oficial para a sua segunda expedição, apenas para descobrir que o rio Zambeze não era navegável. A parte do rio que ele não explorara na viagem anterior continha gargantas rochosas e corredeiras espumantes. Desapontado, voltou-se para o norte (mais próximo da costa leste) a fim de explorar o rio Shire e o Lago Nyasa. Infelizmente, os caçadores de escravos seguiram a pista deixada por ele e assim, durante algum tempo, sua descoberta ajudou mais a abrir a região para o tráfico de escravo do que para as missões.<sup>49</sup>

Quando retornou à Inglaterra, publicou, em 1857, o livro "Viagens missionárias e pesquisas na África do Sul", que virou best-seller. A partir de então, ganhou fama, passou a trabalhar para o governo britânico, a serviço da Sociedade Real de Geografia, partindo, em 1865, à procura da nascente do rio Nilo. Sua dedicação inspirou muitos jovens estudantes a consagrarem-se à obra missionária, mantendo as portas abertas para a continuidade do trabalho missionário naquela região.<sup>50</sup>

Em 1865, Livingstone voltou à África pela última vez, a fim de começar sua terceira e última expedição, dessa vez com o propósito de descobrir a origem do Nilo. Ele não levou europeus em sua companhia e, de fato, não viu outro europeu durante quase sete anos. Foi uma época difícil para Livingstone. Seu corpo estava devastado pela desnutrição, febre e hemorroidas que sangravam. Seus suprimentos foram muitas vezes roubados pelos mercadores árabes de escravos. Todavia, ao mesmo tempo, não foi um período infeliz de sua vida. Embora fracassasse em descobrir a fonte do Nilo, ele fez outras descobertas significativas e se achava em paz consigo mesmo e seu ambiente (exceto pelo contínuo tráfico de escravos que torturava sua consciência). Com o passar do tempo, os africanos se acostumaram com o velho barbado, desdentado e de aspecto selvagem que frequentemente lhes falava de seu Salvador.<sup>51</sup>

A sua última viagem foi feita para explorar o Luapula, a fim de verificar se esse rio era a nascente do Nilo ou do Congo. Nessa região chovia incessantemente. Livingstone sofria dores atrozes; dia após dia tornava-se lhe mais e mais difícil caminhar. Foi então carregado, pela primeira vez, pelos fiéis companheiros: Susi, Chuman e Jacó Wainwright, todos indígenas.

O valente missionário explorador, David Livingstone, após ter realizado três grandes viagens ao interior da selva africana, veio a falecer no dia 1 de maio de 1873. Os nativos encontraram-no morto e ajoelhado ao lado da cama: Livingstone morreu orando. Os seus auxiliares de confiança – Chuma e Suza Mniasere – enterraram o seu coração e as suas vísceras debaixo de uma árvore, onde em 1902 foi erguido o atual Memorial Livingstone. Depois disso, eles lavaram o corpo com sal e aguardente e o puseram para secar ao sol. Envolto numa manta de lã e dentro de uma caixa de casca de árvore, o corpo foi levado pelos seus auxiliares até Bagamoyo, de onde o corpo foi levado de navio até o Reino Unido.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> TUCKER, 2010, p. 185.

<sup>50</sup> VARETTO, 1981, p. 127.

<sup>51</sup> TUCKER, 2010, p. 186.

<sup>52</sup> TUCKER, 2010, p. 187.

Ele foi o primeiro a descrever a geografia, a estrutura social, os animais e as plantas do continente africano. “Hoje, os restos mortais do explorador (exceto o coração e as vísceras) se encontram enterrados na Abadia de Westminster, em Londres”. Se não tivesse adoecido, teria descoberto as nascentes do Nilo. Durante os trinta anos que passou na África, nunca se esqueceu do seu alvo principal, que era levar Cristo aos povos escuro continente. Todas as viagens que realizou foram viagens missionárias.<sup>53</sup>

Em seu sepultamento, além das pessoas importantes de diversos lugares, estavam presentes os seus filhos, que jamais havia visto crescer, como também o seu sogro, o Sr. Roberto Moffat. Além deste destacou-se uma pessoa que estava na calçada chorando amargamente quando o cortejo estava passando, na qual foi indagado por que ele tanto chorava, sua resposta foi surpreendente.

É porque Davizinho e eu nascemos na mesma aldeia, cursamos o mesmo colégio e assistimos a mesma Escola Dominical, trabalhávamos na mesma máquina de fiar. Mas Davizinho foi por aquele caminho, eu por este. Agora ele é honrado pela nação, enquanto eu sou desprezado, desconhecido e desonrado. O único futuro para mim é o enterro de beberão.<sup>54</sup>

Portanto, fica o belo exemplo de vida do eterno missionário explorador, que investiu toda sua vida, sonhos e desejos para poder levar a mensagem do evangelho, o amor de Cristo, àqueles que viviam não somente escravizados fisicamente, mas principalmente uma escravidão espiritual, e, mesmo que isso custasse a sua morte, ele jamais abriu mão de sua missão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a trajetória de vida do missionário David Livingstone, iniciando pela forma qual ele fora criado por sua família, contribuíram de modo significativo para que ele pudesse alcançar os objetivos que estavam propostos seu coração. Apesar de ter pertencido a uma família pobre, isso não lhe serviu de empecilho, pelo contrário, se apegou aos ensinamentos transmitidos por sua mãe e as histórias que seu pai lhe contava a respeito de persistência diante de numerosas dificuldades para poder servir a Cristo.

Embora sendo muito jovem, Livingstone sempre desafiava os seus limites, mesmo tendo que trabalhar por uma longa jornada, ainda assim, encontrava forças para se dedicar aos estudos. Sempre sendo dedicado em tudo que fazia e mesmo que pudesse ficar de folga, se lançava a estudar alguma coisa a sua volta e mesmo que ainda não soubesse, tudo que ele estava fazendo quando ainda jovem, contribuiria grandemente para que não viesse a desistir de sua futura missão.

Livingstone nunca abandonou os princípios cristãos que lhe foi transmitido, nem mesmo sua formação acadêmica permitiu que ele se distanciasse do Deus verdadeiro. Entretanto, diferentes de muitas pessoas, diante do chamado de Deus, dispôs sua vida e suas habilidades para contribuir com a expansão do Reino de Deus. Mesmo tendo que renunciar muitas coisas

---

<sup>53</sup> BOYER, 1981, p. 127.

<sup>54</sup> BOYER, 1981, p. 126-127.

durante sua vida de missionário, algumas destas que, talvez ninguém jamais venha compreender como ele conseguiu, contudo, Livingstone, em momento algum abriu mão de sua fé em Deus e isso permitiu que ele cumprisse a missão que lhe foi dada por Deus, para o continente Africano. Os resultados de seus esforços resultaram, um século depois, em uma grande expansão da igreja africana.

## REFERÊNCIAS

BOYER, Orlando S. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. 15.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 205 p.

CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randdy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Vida, 2003. 239 p.

FRAME, Hugo F. **O missionário que enfrentou um leão: biografia de David Livingstone**. Tradução de Lídia Nogueira Oliveira. Rio de Janeiro: UFMBB, 1979. 40 p.

FRAME, Hugo F. **Vencer ou morrer: biografia de David Livingstone da África. Heróis Cristãos VI**. Tradução de Lídia Nogueira Oliveira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1938. 36 p.

**GÜTZLAFF, Karl Friedrich August (1803-1851)**. Escola de teologia – história da missiologia. Universidade de Boston. Disponível em: <<http://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/g-h/gutzlaff-karl-friedrich-august-1803-1851/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

NAVARRO, Roberto. O que foi a guerra do ópio? 18 abr. 2011. **SUPER INTERESSANTE**. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-guerra-do-opio/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da terra: uma história biográfica**. Tradução de Lena Aranha e Nely Siqueira. São Paulo: Shedd, 2010. 624 p.

VARETTO, Juan C. **Eles morreram pela fé: heróis e mártires da obra missionária desde os apóstolos até os nossos dias**. Tradução de Almir S. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1981. 207 p.